Trabalhos de Arqueologia da EAM,
1, Lisboa, Colibri, 1993, p.23-28

Castro de Santiago, Fornos de Algodres: uma abordagem preliminar da campanha 1(989)*

António Carlos Valera
Isabel Alves Estevinha

O castro de Santiago localiza-se no topo do cabeço de Santiago, no local igualmente conhecido por Crasto. Administrativamente, pertence à freguesia de Figueiró da Granja, concelho de Fornos de Algodres, distrito da Guarda.

Em 1988 realizaram-se neste sítio arqueológico trabalhos que visaram uma limpeza de superfície (com recolha de materiais referenciados numa quadrícula com uma malha de $1m^2$) e o seu levantamento topográfico. Desde logo a análise dos materiais recolhidos apontava para uma ocupação que provisoriamente atribuímos à segunda metade do III milénio a.C. (VALERA e ESTEVINHA, 1989).

Por outro lado, foram identificadas várias estruturas defensivas (troços de muralha), que, a corresponderem ao momento de ocupação calcolítica, tornariam este sítio arqueológico no primeiro povoado fortificado daquele período a ser reconhecido na metade Norte do país.

Estes trabalhos teriam sequência no ano seguinte, tendo-se então realizado a primeira campanha de escavações, cujos resultados passamos a expôr, numa abordagem necessariamente preliminar.

A campanha de 1989

A intervenção desenvolveu-se em dois sectores, ambos localizados na área central do povoado, delimitada pelos grandes penedos graníticos do topo do cabeço e por uma muralha dupla a Sul (cf. VALERA e ESTEVINHA, op. cit.).

* Comunicação apresentada ao *II Colóquio Arqueológico de Viseu*, 1990

Sector A

Correspondendo, este sector, ao local de maior incidência de materiais de superfície atribuíveis ao Calcolítico recolhidos no ano anterior, foi aberta uma área abrangendo 60m².

A escavação deste sector permitiu a obtenção de uma estratigrafia, pouco profunda, mas relativamente bem conservada nas suas camadas inferiores.

Apresentando-se dividida em cinco camadas bem diferenciadas (unidades estratigráficas 1, 2, 5, 8 e 14) esta sequência estratigráfica revelou remeximentos na sua parte superior (UEs. 1 e 2). Se pedologicamente estas duas camadas são bem diferenciáveis, do ponto de vista arqueológico a sua separação é mais ténue. Com efeito, quer a UE.1, quer a UE.2 forneceram cerâmica manual (alguma decorada), pesos de tear perfurados, artefactos líticos em sílex, quartzo e anfibolito (atribuíveis à ocupação calcolítica), assim como fragmentos de telhão e de cerâmica a torno, cuja presença, embora escassa, revela uma ocupação tardia deste sítio (medieval?) que terá afectado estes estratos (sobretudo o primeiro).

A terceira camada detectada (UE.5) revelou já uma total ausência de cerâmica a torno e de telhão, vindo a configurar-se como um solo de ocupação, integrando uma área habitacional.

Esta área habitacional, aproveitando uma *bacia* natural formada por afloramentos graníticos, encontrava-se delimitada a Sul por um alinhamento pétreo, que se apresentava interrompido (UEs. 7 e 10), e por um outro a Norte (UE.9).

A base deste espaço habitacional era constituída por duas camadas arqueologicamente estéreis (quarta e quinta reconhecidas). A UE. 14, composta por terras humosas sobre o afloramento granítico de base e a UE. 8, que se lhe sobrepunha, constituída por terras esbranquiçadas e bastante compactadas, sobre a qual assentavam algumas das estruturas existentes, concretamente a UE. 7 e uma estrutura de planta hemi-hexagonal formada por três pequenas pedras (UE. 12), cuja função é ainda de difícil percepção. Foi sobre a UE.8 que se desenvolveu a ocupação deste espaço habitacional, consubstanciada na UE.5, camada de terras que envolvia as estruturas pétreas referidas e que forneceu abundantes materiais[1].

Numa primeira análise[2], a olaria recolhida nesta camada apresenta formas predominantemente abertas, estando, contudo, os esféricos e os globulares bem representados. Quanto à decoração, esta ocorre num reduzido número de recipientes, com uma percentagem que ronda os 7%. As técnicas utilizadas são a impressão e a incisão. No que respeita aos motivos, podemos salientar as linhas em Zig-Zag junto ao bordo, formando triângulos por vezes preenchidos; caneluras horizontais paralelas ao bordo; linhas de impressões arrastadas realizadas com punção rombo; linhas incisas em diagonal formando espinhas paralelas ao bordo. A decoração em nenhum caso é abrangente.

Ainda em cerâmica, recolheram-se fragmentos de dois pesos de tear. Um, proveniente da UE.2, apresenta uma decoração com linhas incisas formando um motivo recticulado, permitindo o seu estado fragmentado identificar apenas uma perfuração. O segundo, não revelando qualquer decoração, foi recolhido na UE.5,

sendo possível identificar duas perfurações. Estes fragmentos sugerem formas paralelipipédicas, tendo provavelmente quatro perfurações.

No que concerne aos artefactos líticos, é antes de mais de salientar um importante carácter microlaminar do seu suporte, confirmando o que anteriormente se tinha observado (VALERA e ESTEVINHA, op. cit.). Com efeito, a produção de lamelas e de lascas é abundante, sendo por enquanto raras as lâminas.

Ainda no que se refere à caracterização dos artefactos líticos, há que destacar as pontas de seta de reduzida dimensão, estando apenas duas inteiras (uma em sílex, triangular de base recta com retoque bifacial invasor e a outra, em quartzo, de base igualmente recta e retoque abrangente). Por outro lado, a fraca utilização do sílex como matéria-prima, aliada à utilização do quartzo como alternativa mais abundante, apresenta-se como uma das características da indústria lítica produzida neste povoado. Por último, cabe assinalar o estado bastante fragmentário ou inacabado dos objectos de anfibolito recolhidos, não obstante a grande quantidade de fragmentos recuperados em toda a área escavada. Na realidade, apenas se recolheram duas peças inteiras e acabadas: um machado e uma pequena enxó provenientes da UE.4.[3]

Não tendo sido concluída a escavação deste sector (por falta de tempo ficou por acabar o topo Norte, trabalho que se realizou em 1990), a parte intervencionada possibilitou a identificação de um nível de ocupação calcolítico relativamente bem conservado. Quando nos referimos a esta baliza cronológica, tomamos como referência os materiais recolhidos na UE.5 (nível arqueológico melhor conservado), mas aos quais podemos associar toda a restante componente artefactual proveniente das U.Es. 1 e 2, com excepção dos fragmentos de telhão e cerâmica a torno, provavelmente medievos.

Sector B

Neste sector procedeu-se à escavação de uma área de 12 m² e à realização de um corte transversal (1 x 10m) na muralha dupla do recinto central.

A escavação em área não permitiu recolher dados muito seguros, sobretudo devido ao estado de destruição que chegou mesmo a atingir as camadas inferiores. Para tal, terá eventualmente contribuído a fraca potência estratigráfica aí existente (e que de um modo geral, tem caracterizado este sítio arqueológico).

A estratigrafia obtida, era constituída por três camadas arqueológicas (UEs. 31, 32 e 33). As duas primeiras, apresentavam-se bastante revolvidas, fornecendo materiais integráveis no calcolítico, com excepção de alguns fragmentos de telhão e cerâmica a torno recolhidos na U.E.31. Quanto à U.E.33, caracterizada por terras amareladas e distinguindo-se perfeitamente das camadas superiores, envolvia uma possível estrutura de pequenas pedras alinhadas entre afloramentos (U.E.35) e que se encontrava bastante destruida, bem como o que parece ser parte do limite interno da muralha. A sua formação poderá corresponder ao momento calcolítico, tendo fornecido um reduzido número de materiais.

No que respeita ao corte efectuado na muralha, este permitiu obter alguns dados importantes sobre a sua estrutura e possível integração cronológica.

Sob uma camada superficial de derrubes (que acompanhava todo o corte) relati-

vamente espessa (entre 40 e 60 cm), foi possível detectar a existência de dois troços de muralha (que a análise de superfície permite constatar que serão convergentes em metade do seu percurso) separados por um fosso, preenchido por duas camadas, a segunda das quais forneceu alguns materiais integráveis no conjunto artefactual calcolítico deste sítio arqueológico. No que respeita à estrutura de construção da muralha, o corte efectuado permitiu identificar com nitidez as faces internas dos seus dois troços, o mesmo não sucedendo em relação aos limites interno e externo desta muralha dupla. Na realidade, e em relação ao local onde se efectuou o corte, não foi possível definir faces externa e interna, o que poderá ficar a dever-se a uma maior destruição das mesmas e à reduzida área do corte.

Esta intervenção permitiu ainda detectar, debaixo desta estrutura defensiva, uma camada (UE.24) com cerca de 10 cm de espessura, sobre a qual assentava directamente a muralha. Esta camada forneceu os seguintes materiais: fragmentos de cerâmica manual, oito dos quais decorados com as técnicas de incisão e impressão e uma gramática decorativa basicamente idêntica à verificada nas restantes áreas escavadas; lamelas em quartzo e sílex; fragmentos de anfibolito; uma lâmina em quartzo e dois fragmentos de ocre vermelho.

Em relação a esta muralha, podemos concluir desde já:

- tratar-se de uma muralha dupla em pelo menos parte do seu traçado;

- apresenta um fosso central preenchido por uma camada que forneceu materiais atribuíveis à ocupação calcolítica.

- existência de um nível directamente sob a muralha, com materiais igualmente calcolíticos idênticos aos das restantes áreas escavadas;

- esta última constatação permite falar em dois momentos de ocupação, um anterior à construção de, pelo menos, parte das estruturas defensivas e outro seu contemporâneo, que, no entando, não são ainda passíveis de distinção ao nível do registo material. [4]

Observações gerais

Tendo em conta o ainda curto período de intervenção no terreno, não se pretende com este artigo mais do que apresentar uma breve nota informativa e tanto quanto possível concisa, sobre a primeira fase de trabalho neste povoado fortificado.

Pese embora o carácter precário e necessariamente provisório do que se possa aduzir no momento, pensamos dispor já de dados suficientes para avançar algumas observações, ainda que gerais.

Assim, e dentro de um Calcolítico que tem vindo a ser caracterizado pelas suas cerâmicas decoradas, é com os povoados da área ocidental da Meseta Norte espanhola (áreas de Zamora, Salamanca e Ávila) e ainda com alguns povoados do Nordeste português (Barrocal Alto e Cunho) que o Castro de Santiago apresenta as maiores afinidades.

Estas, são visíveis sobretudo na implantação topográfica (povoados de altura) e na componente estilística e percentual da olaria decorada. Tal como no Castro de

Santiago, estes povoados apresentam baixas percentagens de cerâmica decorada, na qual predominam os motivos simples, integráveis nos tipos II, III e IV definidos por Susana O. Jorge para o Norte da Portugal [5]. Estas afinidades são igualmente patentes, por exemplo, na presença de pesos de tear paralelipipédicos com quatro perfurações.

Provisoriamente e de acordo com os dados disponíveis, poderíamos integrar o Castro de Santiago neste Calcolítico que ainda se apresenta longe de estar bem caracterizado. A integração deste sítio arqueológico no referido mundo ocidental da Meseta Norte (entendida aqui como unidade geográfica, englobando portanto parte do território português) transporta-o para uma das problemáticas existentes no que respeita à sua cronologia.

Com efeito, se alguns dos povoados relacionáveis com o Castro de Santiago evidenciam já provas de utilização de artefactos metálicos (Las Pozas, Teso del Moral, Cerro del Ahorcado e Cunho, alguns dos quais com a prática da metalurgia atestada), outros existem onde não são conhecidas provas de metalurgia ou de utilização de artefactos metálicos. Esta constatação, aliada ao facto de não se disporem de datas e escavações em número suficiente de modo a proporcionarem dados seguros[6] levou alguns autores a utilizar a presença/ausência de metal como critério de diferenciação cronológica. López Plaza (LÓPEZ PLAZA, 1978, 340-41), propôs para esta realidade a possibilidade de uma maior antiguidade dos povoados que não apresentam artefactos metálicos e motivos penteados (inexistentes no Castro de Santiago)[7]. Por outro lado, Susana O. Jorge (JORGE, 1986, p.841) defende a possibilidade de "contemporaneidade entre áreas estilísticas diferenciadas, ou mesmo áreas culturais com diversos graus de evolução e abertura a influências exteriores", não excluindo a hipótese anterior.

Para o Castro de Santiago é ainda prematuro (e baseando-nos exclusivamente em paralelos estabelecidos com conjuntos tipológicos cuja caracterização não está ainda suficientemente definida) propôr uma cronologia relativa que não seja a de o atribuir a um momento calcolítico integrável na segunda metade do III milénio a.C.. Poder-se-á assim, ainda que provisoriamente, integrar este sítio arqueológico no que se tem denominado por *povoados não campaniformes*, quer no sentido de poder ser anterior àquele fenómeno, quer no sentido de lhe poder ser contemporâneo (pelo menos parcialmente), embora não integrando qualquer dos seus elementos individualizadores.

Por outor lado, este povoado fortificado insere-se igualmente na problemática da eventual relação (que a existir, não tem de modo nenhum os seus parâmetros estabelecidos) com uma outra realidade caracterizada pela sua alta percentagem de cerâmica decorada e sua grande variabilidade estilística, expressa na região pelos níveis calcolíticos do Buraco da Moura e Penedo da Penha.

Notas

[1] Esta U.E. representa o solo de ocupação da estrutura habitacional, mas estende-se igualmente para Norte da U.E.9, mantendo as suas características.

[2] Análise que decorre de uma primeira abordagem dos materiais, cujo estudo exaustivo se encontra ainda em realização.

[3] Corresponde ao derrube da U.E. 7.

[4] Tal facto deve-se não apenas ao reduzido número de materiais recolhidos na U.E. 24 (a área escavada no corte foi, obviamente, pequena), mas também à grande homogeneidade que estes apresentam em relação aos que têm vindo a ser recolhidos na área escavada no interior do povoado.

[5] Cf. JORGE, 1986.

[6] O que remete para o problema da validade da amostra de grande parte dos conjuntos artefactuais recolhidos em alguns destes povoados.

[7] Situando-se predominantemente na área montanhosa de Ávila e na província de Salamanca.

Bibliografia

DELIBES DE CASTRO, G. 1985, "El Calcolítico. La aparición de la metalurgia" (Cap.III) in, *História de Castilla y Leon*, 1 p. 36-32.

ESTEVINHA, I., SENNA-MARTINEZ, J.C. e VALERA, A.C. 1989, "O complexo 1 do Penedo da Penha, Vale de Madeiros (Canas de Senhorim): alguns resultados preliminares da campanha 1(987)" in, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, p. 125-142.

JORGE, S. 1986, *Povoados da Pré-História recente (III inícios do II milénio a.C.) da região de Chaves - Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes ocidental)*, IAFLP, Porto.

LÓPEZ PLAZA, E.M.S. 1978, *Comienzos del Eneolítico protourbano en el S.O. de la Meseta Norte*, tese de doutoramento apresentada à Universidade de Salamanca, policopiada.

LÓPEZ PLAZA, E.M.S. 1979, "Aportacion al conocimiento de los poblados eneolíticos del S.O. de la Meseta Norte de España: la cerâmica", in *Setúbal Arqueológica*, V., pp. 67-102.

VALERA, A., SENNA-MARTINEZ, J.C. e ESTEVINHA, I. 1989 "O Buraco da Moura de São Romão, Seia: alguns resultados preliminares da campanha de 1(987)" in, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, pp. 149-174.

VALERA, A. e ESTEVINHA, I. 1989, *Castro de Santiago (Figueiró da Granja) Fornos de Algodres - Contribuições para o estudo da Pré-História recente da bacia do médio e alto Mondego*, Fornos de Algodres, GAFAL.